

David Safier

28 dias

Tradução

Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Para minha mãe, meu pai e minha irmã

1

Tinham-me descoberto.

Aquelas hienas haviam-me descoberto!

E mordiam-me os calcanhares.

Era o que me dizia o meu instinto. Sem necessidade de vê-las nem de ouvi-las. Da mesma maneira que um animal pressente que corre um enorme perigo, ainda que não tenha visto o inimigo na selva. Aquele mercado, aquele mercado tão normal e corriqueiro para os polacos, onde compravam as suas verduras, o pão, o *bacon*, a roupa, as rosas, era a selva para pessoas como eu. Uma selva em que a presa era eu. Uma selva onde podia morrer se se chegasse a saber quem ou, melhor dizendo, o que eu era na realidade.

Que nem te passe pela cabeça andar mais depressa, pensei. Nem mais devagar. Nem dar meia volta. E, é claro, não tentes ver quem são os teus perseguidores. E trata de fazer que a respiração não se torne acelerada. Não faças nada que confirme as suspeitas deles.

Só eu sei o quanto me custou continuar a percorrer o mercado como se nada fosse, como se desfrutasse do sol dessa tarde de Primavera inusitadamente quente. Na verdade o que mais queria era desatar a correr, mas nesse caso as hienas ficariam a saber que as suas suspeitas estavam certas: que não era uma polaca como as outras que acabava de fazer as suas compras e ia para casa dos pais com os sacos repletos, mas sim uma candongueira do mercado negro.

Detive-me por um instante, fingi dar uma vista de olhos às maçãs da banca de uma agricultora e ponderei virar a cabeça. Ao fim e ao cabo, também podia ser que fosse apenas fruto da minha imaginação, que não estivesse a ser seguida por ninguém. No entanto, cada fibra do meu corpo só queria fugir disparada. E já há muito tempo que havia aprendido a confiar nos meus instintos. Caso contrário, o mais provável é que nem sequer tivesse chegado a completar dezasseis anos.

Decidi não desatar a correr e continuei a caminhar devagar. A agricultora idosa, de uma gordura repugnante – ao que tudo indicava tinha bastante para comer, até em demasia –, disse-me com voz áspera: «Estas são as melhores maçãs de toda a Varsóvia.»

Não lhe respondi que para mim qualquer maçã era estupenda. Para a maioria das pessoas que era obrigada a viver dentro do muro até uma maçã podre teria constituído uma delícia. E mais ainda os ovos que eu levava nos sacos, as ameixas e sobretudo a manteiga, que venderia no nosso mercado negro por muito dinheiro.

Todavia, se quisesse ter a mais ínfima possibilidade de voltar para o outro lado, primeiro teria de descobrir quantos eram os meus perseguidores. Não deviam ter a certeza absoluta do que faziam, pois a ser assim já me teriam mandado parar há bastante tempo. Teria de me virar de uma vez por todas. Desse lá por onde desse. Com discrição. Sem levantar suspeitas.

Prestei atenção aos paralelepípedos da calçada que pisava. A uns quantos metros dali havia uma sarjeta e tive uma ideia. Continuei a andar com absoluta normalidade. Os saltos dos meus sapatos azuis, que tão bem combinavam com o vestido azul às flores vermelhas, golpeavam sem cessar o empedrado. Sempre que saía para procurar comida vestia esta roupa, que me oferecera o meu pai quando ainda tínhamos dinheiro. Agora, todas as outras roupas que possuía estavam gastas, puídas e algumas peças haviam sido cerzidas um sem-fim de vezes. Se as tivesse levado, não teria podido percorrer nem cinco metros em torno do mercado sem chamar a atenção. Contudo, esse vestido e esses sapatos, que tratava como se fossem ouro em forma de pano, eram a minha roupa de trabalho, o meu disfarce, a minha armadura.

Fui direita à sarjeta e enfiei de propósito o salto do sapato entre duas traves. Dei um ligeiro tropeço e exclamei com ar teatral: «Merda, maldita seja!» Pousei os sacos no chão e agachei-me para desprender o salto. Ao fazê-lo, olhei com dissimulação e vi-as: as hienas.

O meu instinto não me havia enganado. Por desgraça nunca o fazia. Ou então por sorte, dependendo da perspectiva como se visse.

Eram três homens. À frente ia um baixinho e rechonchudo, com a barba por fazer, com um blusão de couro castanho e um boné cinzento. Deveria rondar os quarenta anos e era visível que devia ser o chefe. Seguiam-no um barbudo alto que dava a impressão de ser capaz de arremessar rochas e um rapaz da minha idade que também usava um blusão de couro e um boné, e que parecia uma versão em ponto pequeno do chefe. Seria o pai dele? Fosse como fosse, o rapaz não andava na escola, caso contrário não andaria de manhã a passear-se pelo mercado à caça de homens.

Era uma coisa de loucos, dentro do muro já não podíamos frequentar as aulas porque os alemães nos proibiam qualquer acesso à educação. Ainda havia algumas escolas clandestinas, mas não para todos, e eu há muito tempo que não punha lá os pés. Precisava sustentar uma família.

No entanto, esse rapaz polaco podia ir à escola, podia fazer alguma coisa da sua vida, mas não queria. E também não se podia dizer que ganhava tanto dinheiro assim com semelhante bando de *szmalcowniks*, que era como chamávamos a essas hienas, à caça de judeus para os entregar aos alemães em troca de uma recompensa. Aos *szmalcowniks*, que abundavam em Varsóvia, pouco lhes importava que os alemães pregassem um tiro a qualquer ilegal que achassem fora do muro.

Nessa Primavera de 1942 castigava-se com a pena de morte todo e qualquer um que fosse encontrado sem autorização na zona polaca da cidade. E a morte nem sequer era o pior: corriam as histórias mais arrepiantes sobre como os alemães torturavam os seus prisioneiros antes de os levar para o paredão de fuzilamento. E tanto fazia que fossem homens, mulheres ou crianças. Às vezes açoitavam estas últimas

até as matar. A mera ideia de ir para a prisão e de ser torturada fazia que se me formasse um nó na garganta. No entanto, ainda não me haviam espancado, torturado nem disparado contra mim. Ainda estava viva! E era assim que devia continuar a ser. Pelo bem da minha irmã mais nova, Hannah.

Não havia ninguém no mundo que eu mais amasse do que essa terna e frágil criaturinha. Devido à má alimentação, Hannah era demasiado franzina para os seus doze anos e, a bem da verdade, invisível como uma pequena sombra não fosse pelos seus olhos, uns olhos grandes, vivos, sagazes, curiosos, que teriam merecido ver algo mais além do pesadelo no interior do muro.

Nesses olhos brilhava a força de uma fantasia incrível. Embora na escola clandestina da *szulkult* oscilasse entre o medíocre e o mau em todas as disciplinas, desde a matemática à geografia, passando pelas ciências naturais, quando se tratava de inventar as histórias que contava às outras crianças no recreio era a melhor: falava de Sarah, a que corria pelo bosque, que libertou o seu amado príncipe Josef das garras do dragão de três cabeças; da lebre Marek, que ganhava a guerra para os Aliados; e de Hans, o rapaz do gueto que era capaz de fazer que as pedras ganhassem vida ainda que não gostasse de fazê-lo, porque as pedras eram umas resmungonas. Para todos quantos escutavam Hannah o mundo transformava-se num lugar mais colorido e mais bonito.

Quem iria cuidar da pequena se me deixasse apanhar?

A minha mãe não seria, isso era certo. Estava tão arrasada e destruída que já não saía mais do pequeno e sórdido buraco onde vivíamos. E o meu irmão, menos ainda: andava demasiado ocupado a pensar em si mesmo.

Parei de olhar para os *szmalcowniks*, soltei o salto do sapato da sarjeta e por um instante passei a mão pelo empedrado de paralelepípedos. Com frequência, quando sou tomada pelo medo, toco na superfície de qualquer coisa para me tranquilizar: metais, pedras, panos; tanto faz, o importante é que me dou conta de que o mundo ainda existe um pouco para além do meu medo.

A pedra de cor clara sobre a qual pousei a mão por um segundo estava quente devido ao sol. Respirei fundo, peguei nos sacos e continuei a andar.

Os *szmalcowniks* seguiam-me, sabia-o. Ouvia com clareza os seus passos cada vez mais rápidos, e note-se que no mercado havia muitos outros sons: as vozes dos vendedores, que enalteciam os respectivos produtos; os compradores, que regateavam; os trinados dos pássaros e o barulho dos automóveis que passavam na rua que ficava por detrás do mercado.

As pessoas passavam a meu lado a um ritmo pausado. Um jovem louro com um fato cinzento como o que usavam muitos universitários polacos assobiava com alegria uma cançoneta. Muito embora me apercebesse de tudo isto, de certo modo esses sons eram relegados para segundo plano. A única coisa que ouvia alto e bom som era a minha respiração, cada vez mais agitada apesar de continuar a caminhar ao mesmo ritmo, e o meu coração, que latejava cada vez com mais fúria de segundo para segundo. No entanto, o que escutava com maior nitidez eram os passos dos meus perseguidores.

Aproximavam-se.

Aproximavam-se cada vez mais.

Não tardariam a alcançar-me e interrogar-me-iam. É provável até que tentassem chantagear-me, pedir-me todo o dinheiro que levava em troca da promessa de não me entregarem. E quando lhes pagasse, atraindo-me-iam de todas as formas possíveis e além disso embolsariam a recompensa dos nazis.

Há já muito tempo que tinha a certeza de que isso acabaria por acontecer mais cedo ou mais tarde, na realidade, desde que comecei a dedicar-me ao comércio paralelo. O que veio a acontecer poucas semanas depois de o meu pai ter decidido abandonar-nos à própria sorte. Já não tínhamos dinheiro para comprar comida no mercado negro e a ração que os alemães distribuía entre nós continha apenas 360 calorias diárias por pessoa. Para rematar, o que nos davam os judeus encontrava-se com frequência em mau estado. Tudo o que era demasiado mau para os soldados alemães da Frente Oriental vinha

parar às nossas mãos: cenouras estragadas, ovos podres ou batatas geladas que não se podiam cozinhar e com as quais, com alguma astúcia e engenho, mal se conseguiam fazer umas pequenas tortilhas comestíveis. No Inverno passado houve dias em que o gueto inteiro cheirava a essas pequenas tortilhas de batata.

De maneira que, se quisesse que a minha família tivesse alguma coisa para comer, precisava deitar mãos à obra e arranjar uma maneira. A minha amiga Ruth vendia o corpo no Hotel Britannia e tinha-se oferecido para interceder por mim, apesar de eu, como ela mesma fez questão de frisar com um sorriso trocista, tinha formas mais parecidas com as de um rapaz. Todavia, em vez de fazer uma coisa dessas preferia arriscar a vida dedicando-me ao mercado paralelo.

Caso fosse apanhada pelos *szmalcowniks* já tinha uma história preparada: chamava-me Dana Smuda, uma colegial polaca que vivia noutra zona de Varsóvia, mas que gostava de ir fazer compras a esse mercado, porque só aí havia aquelas tartes de massa folhada tão doces com aquele delicioso recheio de maçã. O facto de o meu endereço falso ficar muito longe dali era importante, já que de contrário as hienas me levariam para a minha suposta casa e aperceber-se-iam de que estava a mentir-lhes. Para poder corroborar a minha história em caso de necessidade, sempre que ia ao mercado comprava um pedaço dessa tarte e enfiava-o no bolso.

Durante as minhas saídas também levava sempre ao pescoço um fiozinho com uma cruz. Além disso, aprendera de cor muitas orações cristãs para poder passar por uma boa católica. Rezas como o rosário, o pai-nosso e o *magnificat*: «A minh' alma engrandece o Senhor e o meu espírito se alegrou em Deus meu Salvador...»; como se alguém no seu juízo perfeito pudesse alegrar-se em Deus nos tempos que corriam.

Se o tivesse diante de mim num palco, atirar-lhe-ia ovos. Apesar de no gueto custarem um dinheirão. Eu não acreditava na religião. Nem na política. E menos ainda nos adultos. Acreditava apenas na sobrevivência.

– Alto! – gritou um dos meus perseguidores, talvez o chefe do bando.

Fiz de conta que não era nada comigo. Afinal de contas era uma rapariga polaca normal e comum, por que razão iria virar-me para trás se um desconhecido dizia «alto»?

Revi tudo mentalmente depressa e a correr: era Dana Smuda, morava na Rua Miodawa, número 23, adorava as tartes de massa folhada...

As hienas bloquearam-me a passagem e foram plantar-se diante de mim.

– Com que então a dar um passeiozinho pelo outro lado, cadela judia? – perguntou o chefe.

– Como? – repliquei, fingindo desconcerto.

Era vital não parecer atemorizada.

– Dois mil *zlotys* ou entregamos-te à Gestapo – disparou o chefe enquanto o filho (tinha por força de ser seu filho, os dois apresentavam a mesma postura um tanto ou quanto encurvada) me olhava de alto a baixo, como se, por um lado, eu, a judia, lhe causasse nojo, e por outro imaginasse na sua mente podre como seria sem o vestido. – Só te dizemos uma única vez: dois mil e deixamos-te em paz.

De repente, reparei que tinha a nuca a transpirar. Não era o suor habitual, aquele que uma pessoa exala porque o Sol incide com mais força ao meio-dia. Não, era um suor frio, esse que cheira a azedo e de cuja existência até há poucos anos nada sabia, de tão protegida que havia crescido.

Enquanto o suor me escorresse apenas pela nuca e pelas axilas não seria delator, mas não podia inclinar-me para a frente de maneira nenhuma. Essas hienas sabiam reconhecer qualquer sinal de fraqueza, por mais pequeno que fosse.

– Será possível que não tenhas entendido, puta judia?

Não fui capaz de pronunciar uma única palavra sequer.

Nesse instante compreendi por que razão as pessoas numa situação como esta entregavam todo o seu dinheiro a esses delinquentes, se bem que na realidade soubessem que depois acabariam por denunciá-las; agarravam-se à esperança absurda de que os *szmalcowniks* cumpririam o acordo que haviam proposto. Se tivesse esse dinheiro, é possível que também eu tivesse admitido sem hesitar que era judia e o tivesse

entregado nas mãos deles; só que nunca possuía tanto dinheiro, razão pela qual me forcei a sorrir e disse:

– Isto é um engano.

– Não nos tomes por parvos – sibilou o chefe, que tinha a certeza absoluta de não estar enganado.

O instinto disse-me que a minha linda história não iria convencê-lo. Talvez tivesse podido enganar o filho dele e o outro tipo alto e tosco, mas não a ele. Por certo nos últimos anos já deveria ter seguido o rasto a uma infinidade de judeus, e sem dúvida que terá escutado uma série de mentiras melhores do que a minha sobre as ditas tartes de massa folhada. Muito melhores. E de certeza que também devia ter visto bastantes fios com crucifixos.

As minhas mentiras não me serviriam de nada. De nada em absoluto. Como podia ter sido tão ingénua, estar tão mal preparada? Por minha culpa dentro de poucas semanas a minha mãe morreria no quarto que ocupávamos no número 70 da Rua Miła, e Hannah também não sobreviveria por muito mais tempo. Talvez se aguentasse a mendigar pelas ruas do gueto; isso resultaria apenas durante um certo tempo, mas as crianças mendigas morriam de frio durante a noite quando chegava o Inverno.

Não podia permitir que Hannah passasse por isso. De maneira nenhuma!

Lembrei-me de que o fio e as mentiras não eram tudo o que poderia ajudar-me. Tinha mais alguma coisa onde podia apostar: não parecia, de modo nenhum, judia.

Sim, o meu cabelo era escuro, tal como o da maioria das judias, mas também como o de muitas polacas. Por outro lado, tinha o nariz arrebitado e, sobretudo, uma característica que não se coadunava nem um pouco com a suposta imagem de uma judia: os olhos verdes.

Certa vez, num dos seus escassos momentos românticos, o meu namorado, Daniel, disse-me que pareciam dois lagos de montanha que resplandeciam com o sol. Nunca na minha vida havia visto um lago de montanha nem tão-pouco sabia se irradiavam um brilho verde. E o mais provável é que nunca viesse a sabê-lo.

Quando as pessoas fitavam os meus olhos sempre se sentiam desconcertadas. À distância podiam tomar-me por polaca ou por judia, mas de perto a cor dos meus olhos transformava-me numa raridade de ambos os lados do muro.

Lutei contra o medo e fitei o chefe dos *szmalcowniks* nos olhos. O verde confundiu-o. E então cometi uma autêntica loucura sem antes parar para pensar no assunto: desatei a rir. Às gargalhadas. As poucas pessoas que me conhecem bem sabem que quase nunca me rio e, quando o faço, de certeza que não é assim. Contudo, esse riso soou genuíno aos *szmalcowniks* e confundiu-os ainda mais.

Depois trocei deles.

– Estão enganados.

Abri caminho entre os homens perplexos, de quem, com toda a certeza, nunca haviam rido e troçado de uma rapariga que acreditavam ser judia, e segui o meu caminho com os sacos nas mãos. Parecia mentira: dava a impressão de que me havia livrado deles com o meu descaramento. Senti uma imensa vontade de sorrir como uma tola.

Mas de repente o pretense chefe desatou a correr, seguido pelos outros dois, e bloqueou-me de novo o caminho. Fiquei sem fôlego. Não conseguiria rir-me com tamanho atrevimento de novo.

– És judia, farejo-o à distância! – guinchou o homem ao mesmo tempo que empurrava o boné um pouco mais para trás. – Sou o melhor quando se trata de vos seguir o rasto, vermes.

– O melhor de todos – afirmou orgulhoso o rapaz.

Caramba, ora aí estava alguém que se sentia orgulhoso de que o seu pai chantageasse as pessoas e as enviasse para a morte.

Era tão injusto: o meu pai curava quem quer que fosse, polacos, judeus, não importava. Chegou mesmo a atender um soldado alemão atingido a tiro na nossa rua durante os últimos dias da ocupação. No entanto, por muitos que tivesse salvo, por muito prestígio que tivesse na qualidade de médico, agora, quando mais precisávamos dele, o meu pai não se encontrava junto de nós, e eu nem sequer podia sentir-me nem um pouco orgulhosa dele.

– Parem de me perseguir – ameacei aborrecida – ou chamo a polícia.

Com a minha ameaça chocha e vã impressionei o rapaz e o gigante barbudo. A polícia polaca não morria de amores pelos *szmalcowniks*; eram concorrentes no que toca a ganhar dinheiro à custa dos judeus que se passeavam de maneira ilegal pelo outro lado do muro. E se, para piorar tudo, molestavam raparigas polacas inocentes, os *szmalcowniks* receberiam uma bela reprimenda. E isso era algo que os tipos que tinha à minha frente também sabiam.

No entanto, o chefe não se deixou abater: limitou-se a fitar-me bem dentro dos olhos, cujo verde já não era capaz de dissuadi-lo das suas suspeitas, de modo a tentar descobrir neles qualquer indício de insegurança.

Sustentei-lhe o olhar. Com todas as minhas forças.

– Estou a falar a sério – insisti.

– Não, não é verdade – respondeu impávido.

– Claro que é!

– Nesse caso vamos juntos à polícia – propôs e apontou para um agente de farda azul que se encontrava na banca da idosa gorda comendo uma maçã e fazendo uma careta, porque o mais provável é que a fruta não fosse nem metade do quanto lhe asseguraram que seria boa.

O que poderia fazer? Se fosse à polícia estava perdida. Se não fosse, também estaria. Um suor frio perlava-me a testa. O chefe reparou nas gotas de suor e sorriu. Não tinha sentido continuar a mentir.

Tornei a ouvir o universitário que assobiava. Morreria em breve, o mais tardar amanhã seria fuzilada. Sem mim, a minha mãe e a minha irmãzinha não sobreviveriam. E aquele rapaz assobiava com alegria a sua musiqueta!

E se desatasse a correr? Dificilmente conseguiria escapar. Se bem que, apesar dos saltos, fosse mais rápida do que eles, os *szmalcowniks* desata-riam aos gritos, e entre todas as pessoas que faziam compras no mercado deveria haver bastantes anti-semitas que me deteriam. Eram muitos os polacos que nos desprezavam. Apesar de não quererem viver sob o domínio dos alemães, sentiam-se gratos por eles os livrarem dos judeus.

No caso nada provável de ser capaz de fugir do mercado, jamais conseguiria entrar no gueto sem chamar a atenção. Posto isto, desatar a correr também seria inútil. E, não obstante, era a minha única oportunidade. No momento exacto em que me preparava para largar os sacos com os meus produtos valiosos e desatar a correr a sete pés, vi diante dos meus olhos uma rosa.

Sim, uma rosa!

Mesmo diante da minha cara.

Por um instante, o seu intenso perfume chegou mesmo a eclipsar o fedor acre do meu suor. Quando havia sido a última vez que cheirara uma rosa? No gueto não as havia. E quando fazia compras no mercado polaco nunca tinha tempo para me pôr a aspirar o perfume das flores, nem sequer tal coisa me havia alguma vez passado pela cabeça. E agora, quando estava a ponto de ser entregue aos alemães, alguém oferecia-me uma rosa?

Era o estudante.

Encontrava-se ao meu lado e sorria-me com os seus olhos azul-claros como se eu fosse a criatura mais bela e mais fabulosa que alguma vez tivesse visto na vida.

De perto, o rapaz de sorriso radioso parecia mais jovem do que um universitário, deveria rondar os dezassete ou dezoito anos em vez de vinte.

Antes que eu ou um dos *szmalcowniks* tivéssemos tempo de dizer alguma coisa, o rapaz abraçou-me com vontade e riu-se:

– Uma rosa para a minha rosa.

Uma frase do mais absurdo que há, mas a maneira como a disse, como se estivesse perdidamente apaixonado, não soou nada ridícula.

Caí em mim por fim: o rapaz queria salvar-me a vida fingindo que eu era o seu grande amor polaco. Também seria judeu? Parecia mais polaco. Com o cabelo louro, sardas e olhos azuis poderia muito bem ter passado por alemão. Em todo o caso, era um actor formidável. Fosse-o ou não, estava a arriscar a vida por minha causa, por uma absoluta desconhecida.

– És a rosa da minha vida – afirmou resplandecente.

As hienas não sabiam muito bem o que pensar do comportamento do rapaz. Alguém que finge apenas estar apaixonado, exageraria a tal ponto?

Se quisesse convencê-los e salvar-nos aos dois, precisava entrar no jogo também.

Contudo, sentia-me demasiado confusa. Queria agarrar na rosa, mas estava bloqueada. Como se tivesse sido paralisada pela lagarta venenosa *Xala*, que Hannah inventou para a história das lagartas tontas que odiavam as borboletas.

O rapaz notou o quanto estava tensa e abraçou-me ainda com mais força. Estreitava-me com firmeza, os seus braços eram muito mais fortes do que seria de supor para um rapaz tão magro. Eu continuava sem ser capaz de reagir. De puro medo e surpresa era como um manequim nos braços do rapaz que, para disfarçar, redobrou os seus esforços na farsa: de súbito beijou-me.

Beijou-me!

Os seus lábios ásperos e algo gretados colaram-se aos meus e a sua língua abriu caminho na minha boca com a maior naturalidade do mundo, como se já o tivesse feito milhares de vezes. Entendi com clareza: precisava corresponder àquele beijo. Era a minha última oportunidade. E, se o não fizesse, tudo estaria acabado em definitivo. Para os dois.

A certeza de saber que morreria se não reagisse de uma vez por todas arrancou-me do estado de rigidez em que me encontrava. De maneira que também eu o beijei com a maior paixão.

Nesse instante nem sequer percebi se gostei ou não daquele beijo.

Quando o rapaz se apartou de mim, fingi estar radiante de felicidade.

– Obrigada pela rosa, Stefan – disse ao mesmo tempo que inventava a correr e à pressa um nome para ele.

– Obrigado eu por existires, Lenka – respondeu ele, inventando também um nome e sem dúvida profundamente aliviado por o ter acompanhado no jogo.

Só nesse momento me atrevi a olhar para as hienas, que se mostravam bastante impressionadas com a nossa actuação. Era visível que

o jovem *szmalcownik* se roía de inveja: teria gostado de beijar assim uma polaca.

– Estes tipos estão a importunar-te? – perguntou-me Stefan, que fazia de conta que só nesse momento tomava consciência da presença deles.

– Acham que sou judia.

Stefan olhou para os homens como se tivessem enlouquecido por completo ao pensar semelhante coisa. Contudo, não se riu como eu fizera da primeira vez que tentei livrar-me deles. Mostrou uma cara de quem estava furioso:

– Querem insultar a minha namorada?

Agora fingia ser o polaco orgulhoso cuja namorada fora ferida na sua honra. Judia? Não se podia dizer uma coisa dessas à namorada de um polaco de pura cepa!

– Não... não – balbuciou o chefe, dando um passo à retaguarda. Os outros esbirros imitaram-no.

– Sim, sim, queriam sim – objectei indignada.

Muito embora só estivesse a representar o papel de polaca ofendida, a raiva que sentia dessas hienas era autêntica.

Stefan cerrou o punho e ameaçou os *szmalcowniks*, que retrocederam um pouco mais. Na realidade poderiam ter-lhe dado uma sova, eram três contra um, teria sido muito fácil. Contudo, aos polacos ninguém lhes punha as mãos em cima, isso só lhes iria causar problemas com a polícia. Chegaram até a mostrar-se um tanto ou quanto envergonhados por se terem enganado a meu respeito. E embora não valesse como desculpa, o chefe deu meia volta sem dizer uma única palavra e mandou que as outras hienas o acompanhassem.

Stefan pegou nos meus pesados sacos com uma das mãos, como um cavaleiro que não quer que a sua namorada seja obrigada a carregar com pesos, e passou-me o outro braço por cima dos ombros. Começou a caminhar comigo pelo mercado, como se fôssemos dois apaixonados. Eu levava na mão a rosa que ele me oferecera.

Durante um breve instante tive medo de que fosse fugir com as minhas coisas. Afinal de contas, talvez também ele fosse um

candongueiro. No entanto, um típico candongueiro arriscaria a vida por outro? E mesmo que me roubasse as coisas, por acaso isso não seria um preço baixo a pagar pela minha vida? Pela possibilidade de continuar a alimentar a minha família? Dar à minha irmã uma vida melhor?

– Obrigada – disse-lhe.

– Foi um prazer – respondeu o rapaz, e riu-se de tal modo que quase pareceu credível.

E acrescentou:

– Beijas muito bem.

Afirmou-o com a autoridade descarada de quem já beijara muitas raparigas e, se calhar, até muitas mulheres e sabe bem do que está a falar.

– Estava em jogo a minha vida – sussurrei, para que os transeuntes não pudessem ouvir-me. Aquele não era o momento nem o lugar apropriados para estar com grandes cerimónias. – A nossa vida. Arriscaste a tua por minha causa.

Ainda não conseguia acreditar em tudo aquilo. Num mundo em que as pessoas só pensavam em si mesmas, houve alguém que arriscara tudo por minha causa.

– Sabia que correria tudo bem – respondeu-me também em voz baixa.

E depois sorriu, um sorriso que não era fingido nem descarado, mas antes sincero.

– Pois então sabias mais do que eu – disse-lhe com um trejeito atormentado.

– Tínhamos duas coisas a nosso favor – referiu.

– Quais?

– Por um lado, os teus olhos verdes...

Riu-se, dava a impressão de que lhe agradavam. E por minha parte surpreendi-me por me sentir adulada.

– E a outra? – quis saber.

– Alguém que se dedica à candonga nos tempos que correm tem de ser bastante esperto. Caso contrário já teria morrido há muito.

Isso lisonjeou-me mais ainda. Fez-me sentir um pouco orgulhosa, Como é natural, não queria dar-lho a perceber, pelo que me apressei a dizer:

– Ser esperto ou estar muito louco.

Riu-se, com um riso bonito, franco. Não tão atribulado e angustiado como o de muitos judeus. Seria polaco? Se calhar até se chamava Stefan de verdade.

– Também tu te dedicas à candonga no mercado negro? – perguntei-lhe.

O rapaz deteve-se, ficou sério e hesitou um pouco: não sabia se era boa ideia revelar algo sobre a sua vida e o quanto. Por fim respondeu:

– Não como tu.

O que queria ele dizer com isso? Será que fazia uns biscates para os chefes do mercado negro no gueto? Seria um delinquente polaco que ajudava essa gente?

Stefan afastou o braço dos meus ombros.

– É melhor para ti não saberes de nada – respondeu, e de repente deu-me a impressão de que era muito mais velho.

– Bom, sou capaz de suportar algumas coisas – assegurei.

– Dantes também pensava assim – replicou.

O brilho atrevido havia desaparecido por completo dos seus olhos. Embora tivesse gostado de saber do que estava o rapaz a falar, não era da minha conta. Devolveu-me os sacos e senti-me aliviada: não voltaria para o gueto sem provisões. Além disso, seria um grande golpe para mim que o meu salvador me tivesse roubado.

– Agora seria melhor despedirmo-nos – disse Stefan.

Não me agradou. A minha vontade seria descobrir mais coisas sobre ele. No entanto, assenti.

– Sim, provavelmente.

Olhou-me por um segundo com cara de pena, como se também ele lamentasse que os nossos caminhos se separassem ali. Apercebeu-se de que eu li o seu pensamento e tornou a sorrir:

– Quando chegares a casa, lava-te.

– Como? – perguntei-lhe intrigada.

– Esse suor cheira a medo.

O sorriso dele alargou-se.

Não sabia se havia de me rir ou de lhe dar uma bofetada. Decidi fazer as duas coisas.

– Ai! – riu-se ele.

– Tem cuidado com o que dizes – retorqui –, senão ainda te custará muitos mais ais.

O rapaz riu-se mais ainda.

– Sempre achei que as mulheres atraentes são perigosas.

Merda, sentia-me lisonjeada outra vez.

Stefan deu-me um beijo atrevido na face e desapareceu por entre a multidão. E o mais provável é que tivesse também sumido da minha vida para sempre, sem que tivesse chegado a saber qual era o seu nome verdadeiro e sem que ele soubesse que na realidade me chamava Mira.

Depois de se viver algo emocionante, às vezes as sensações chegam até nós muito depois, quando nos tranquilizamos. Um pontiagudo espinho de rosa picou-me ao de leve na cabeça do dedo e de súbito revivi o beijo com toda a intensidade. A paixão que Stefan lhe havia imprimido. E a paixão com que eu lhe havia correspondido.

Sentia-me muito inquieta. Aquele beijo não poderia ser mais diferente do primeiro que Daniel me deu em tempos.

Daniel.

De repente senti-me culpada. Como podia deixar-me impressionar dessa maneira por causa do beijo de um desconhecido?

Daniel era a única pessoa do mundo que me dava forças. A pessoa mais decente que conhecia. Além de que sempre podia contar com ele. Coisa que já não podia dizer de todos os outros.

O mais provável é que não voltasse a ver Stefan. E mesmo que assim fosse...

Daniel e eu. Iríamos partir juntos rumo à América. Assim que fosse possível. Passearíamos com Hannah pela Broadway, em Nova Iorque; admiraríamos essa cidade maravilhosa ao vivo e a cores. Da minha parte só a conhecia a preto e branco, por causa dos filmes americanos a que costumávamos assistir no cinema antes da chegada dos nazis.

Daniel e eu havíamos jurado um ao outro que iríamos para Nova Iorque.

Dominei-me e reprimi todas as sensações que esse beijo podia provocar em mim. Atribuí-as ao nervosismo, ao perigo de morte que se me havia deparado, e obriguei-me a não pensar mais em Stefan. Ainda não tinha sobrevivido a esse dia, ainda tinha pela frente o mais difícil: precisava regressar ao gueto. Sem que os soldados alemães me apanhassem.